

A indústria se queixa: não consegue repassar o aumento de custos para os preços.

A indústria paulista está enfrentando forte queda nas vendas para o comércio, não consegue repassar totalmente os custos para os preços e, em alguns casos, chega a oferecer promoções e descontos para tentar comercializar parte de seus estoques, que vêm crescendo desde o mês passado. Esse é o quadro traçado por empresários ligados à Federação das Indústrias do Estado (Fiesp), que, por esse motivo, demonstram surpresa com os resultados de várias pesquisas indicando crescimento dos índices inflacionários. As perspectivas para os próximos meses não são animadoras, na opinião deles, e possivelmente até as vendas de final de ano fiquem comprometidas.

Apesar do clima de pessimismo entre os industriais, a pesquisa do nível de emprego promovida pela Fiesp ainda mantém índices positivos. Em setembro, a variação foi de 0,28%, com a contratação de 4.980 trabalhadores. Embora nas três primeiras semanas do mês o desempenho da taxa tenha sido positivo, na última registrou -0,17% com a demissão

de 2.955 empregados. O resultado do ano até agora atinge -5,16%, ou 96.901 demissões.

Já a taxa de desemprego em todo o País, que caiu de 5,70% em maio para 4,86% em junho e 3,82% em julho, voltou a subir em agosto, fixando-se em 4,03%, segundo divulgou ontem o IBGE. Por regiões metropolitanas, as menores taxas de desemprego, em agosto, ocorreram no Rio (2,84%), Belo Horizonte (3,67%) e Porto Alegre (3,82%). As maiores foram encontradas em Recife (5,76%), Salvador (5,67%) e São Paulo (4,38%).

Queixas

"A crise é profunda, estamos com um mercado desfavorável e vivendo momentos extremamente difíceis", afirma Edmundo Klotz, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (Abia). Ele explica que o setor não está conseguindo repassar o impacto das altas taxas de juros sobre os seus custos e, quando isso ocorre, é de 2% a 3%, no máximo. A forte concor-

rência entre as 5 mil indústrias alimentícias também ajuda a segurar o repasse. Um outro setor que se queixa de queda de até 20% nas vendas é o de eletroeletrônicos, conforme Aldo Lorenzetti, representante da Associação Brasileira da Indústria Eletro-Eletrônica (Abinee) na Fiesp. No caso da Lorenzetti, empresa que ele dirige, a produção ainda está normal mas não tem conseguido escoar o estoque. "Se continuar assim teremos de reduzir produção e não descartamos as hipóteses de licença remunerada e férias coletivas."

Também na área de material plástico as empresas estão sendo obrigadas a absorver o aumento de custos em função do mercado recessivo, confirma Celso Hahne, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Plásticos (Abiplast). Os pedidos em carteira são de no máximo 30 dias e ele afirma que já se cogita nesse setor dar férias coletivas, já que alguns dos principais clientes, como Brastemp, Autolatina e Gessy Lever, estão reduzindo produção e acumulando estoques.